A LUTA

A liberdade perenne é uma conquista permanente.
Guerra Junqueiro.

ANNO I | Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 10 de Outubro de 1906 | NUM. 3

Este periodico manter-se-á com a contribuição voluntaria dos trabalhadores, e a sua publicação será, provisoriamente, quinzenal.

A correspondencia deve ser dirigida a Stefan Michalski, rua dos Andradas 64, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

DUAS PALAVRAS

Ao encetarmos a publicação da *Luta* tivemos em vista fazer propaganda para a organização operária pelo sindicato. não só por, de ha muito. julgarmos êste meio de luta o mais lógico e o único capaz de pôr os trabalhadores, em geral, em marcha para a conquista da maior soma possivel de bem-estar, como por ter sido tambem uma das resoluções do último congresso operário realizado no Rio.

Como temos procurado explicar, sempre que tratámos de sindicalismo. das associações operarias dêsse gênero devem ser excluidas todas as ideias politicas, religiosas ou filosoficas, e apenas prevalecer a de uma conquista económica pela acção diréta dos individuos conscientes e solidarios.

Como, porém, trata-se ahi apenas dum método de luta para obtenção dum bem-estar relativo, e não de conseguir por tal meio estabelecer uma nova sociedade, é claro que fica aos individuos sindicados a faculdade de optar por este ou aquele princípio social. E' até um dos principaes objetivos do sindicalismo procurar melhor garantir a liberdade económica dos individuos afim de que estes possam conscientemente estudar e adoptar um princípio social que julguem mais consentaneo com a vida humana na sociedade.

Nós, como deixamos exarado em nosso primeiro numero, somos libertários, isto é, julgamos que, como base duma sociedade livre, é necessaria a transformação da propriedade particular em propriedade social, a solidariedade humana na luta contra a naturêza e a cooperação dos esforços para se obter a maior soma possivel de bem-estar; e, sob o ponto de vista da organização, queremos a vida social assento sobre a iniciativa individual e o livre acordo sem delegação de espécie alguma de podêr.

÷

Julgávamos quo este periódico, fosse unicamente o clarim, que anunciando a aurora dos tempos novos, despertasse o proletariado que ha séculos se encontra num letargo profundo; Com amargura, porém, parece que seremos levados a o transformar, dentro em breve. em fria lapida sobre a qual. com o bisturi agudo, que é a pena. se dissecam, fibra por fibra, cadáveres, já semipútridos...

A baixo os mentôres!

Eram certa vêz uns grupos chamados sindicatos, e compostos de operários que, descontentes com sua situação, se haviam encasquetado agruparem-se para obtêr melhores condições de seus patrões.

Mas, pouco acostumados a agir por si, não tardou que se deixassem embelecar pelas bonitas palavras de uma espécie de indivíduos a que foi dado o nome de políticos, porque não vivem se não de política, — um ofício que consiste om obtêr dos homens tudo que dêles pode tirar-se, fazendo-lhes as mais belas promessas nunca mantidas.

Os sindicalistas deixaram levar-se por estas promessas e empregaram tôda sua fôrça em favôr dos políticos em sua lutá contra os exploradôres. E isso durou assim por muito tempo.

Mas um belo dia, alguns, mais bem avisados, repararam que se os sindicatos tinham ajudado muito os políticos, êstes, pelo contrário, nada mais haviam dado que belas palavras. Outrotanto fôra vento. E êstes alguns, mais perspicazes, puseram-se a prègar aos companheiros e a mostrar-lhes que em vêz de perdêr seu tempo em auxiliar os políticos, melhor fariam usando suas fôrças para o bom exito de seus próprios negócios. Nunca se é mais bem servido que por si mêsmo.

E, em pouco tempo, grande número de sindicatos sacudiram o jugo dos políticos, afim de cuidar de seus próprios negócios. O que era acertado.

Mas os políticos não podiam, sem pezar, vêr-se abandonados pelos que eram o melhor de suas fôrças, e sem os quaes nada mais seriam. Experimentaram vilipendiar os que haviam subtraído os companheiros a sua nefasta influência, e acusava-nos de toda espécie de coisas; tê-los-iam, até, acusado de terem roubado as tôrres da matriz, se pudesse têr isso qualquer influência sôbre o espirito dos que queriam fazêr voltar.

Mas isso não dava resultado. Quanto a fazêr que voltassem os desertores, realizando as promessas feitas, nisso nem era bom pensar. Em primeiro lugar, isso não estaria nêles, e depois não teriam êles nada mais que prometêr.

Não é de valde, porém, que se é político.

Pela simples fôrça das circunstâncias, os poucos bem avisados, que haviam conseguido esclarecêr seus camaradas, viram-se á frente do nôvo agrupamento, e, por assim dizêr, forçados a dirigí-lo; pois fôra por certo a hábilidáde, a tenacidade e a energia dêles que o tinham creado.

Uma vêz nêste ponto, foram obrigados a manobrar com geito para manter agrupada uma porção de elementos variados, alguns dêles adversários, outros que apenas por espírito de imitação seguiam o núcleo dos que sós perfeitamente sabiam o que queriam. Foi preciso transigir, usar expedientes. Acostumaram-se os nossos homens tambem êles, a praticar política! E a imaginar que êles eram indispensáveis á bôa marcha do nôvo movimento.

*

Entrementes, tinham êles trabalhado na organização de um grande movimento conjunto, a que se realizasse, no primeiro de maio dêste ano, uma imponente manifestação em que todos operarios viriam demonstrar a vontade que tinham de não trabalhar, dóravante, mais que oito horas por dia.

Efeituou-se a manifestação, e com uma amplitude que ninguem ousaria esperar. Sómente o entusiasmo havia exagerado os resultados prováveis.

Para muitos era seguro, que de 1º de maio em diante, todo mundo não trabalharia senão oito horas, o para muitos foi uma decepção que não fôsse geral a conquista.

Apressaram se os políticos em explorar êsse engano.

E como estivesse sendo preparado um congresso em que se deveriam atacar os dois partidos adversários, mui acertado julgaram os perspicazes sicdicalistas aceitar a proposta que lhes fizeram os políticos de irem discutir suas ideias em seus mais autorizados jornaes, não percebendo que a proposta feita, não o era a êles, Pedro ou Paulo, mas, sim porquê, na opinião de tôdos, eram considerados xefes do movimento, e porquê seu namôro com os políticos com prometia o movimento inteiro.

Mui digna foi a atitude dêles, declarando que só entravam para o dito jornal com tôdas suas ideias, sem renegar nem uma, com a firme intenção de aí expô-las tôdas.

Mas isso não desmanchava o efeito da declaração, da vespera, do xefe político, que afirmava que êle queria demonstrar que a gente podia divergir em ideias, mas marchar de mãos dadas. Isso principalmente não impedia que os outros jornaes do partido cantassem vitória declarando. que os mais irredutíveis da acção directa tinham, por fim, perdido bastante de suas prevenções contra a política, para aceitar colaboração num jornal político.

E de pouco faro deram mostra, nesta ocasião, os perspicazes sindicalistas, pois longe de consolidar a situação, comprometêram-na, por seu compromisso encorajando as esperanças de seus inimigos, e fazendo que lhes dessem as costas os que acreditam que em política operária, não há senão uma verdadeiramente eficaz, a política que consiste em não marchar senão com elementos semelhantes.

*

A moral desta história (um bom conto sempre deve terminar-se por uma moral), é que, sêja qual fôr a confiança que se deposite nos indivíduos, é preciso nunca deixar que tomem demasiada preponderância.

Em tôdo agrupamento, não importa para que trabalho, preciso é que se especilize a tarefo, e se ela fôr de fôlega, para que seja bem feita, é necessário que sejam os mesmo indivíduos que a continuem.

Mas, uma vêz escolhidos êsses indivíduos, não precisam pensar os outros membros do grupo, que nada mais tem que fazêr senão vêr êles trabalhar. Precisa tazerem suas críticas, seus própios esforços, a fim de animar os que escolheram para determinado trabalho, quando vão de fronte erguida; a fim de reconduzí-los ao bom caminho, quando tendem a tomar por verêdas.

Além disso é preciso redobrar esforços para levar cado indivídno a pensar e agir por si próprio, sabendo libertar-se das influências de camaradagem, da tendência de seguir, sem discutir, a opinião dos que supôi deverem estar mais bem informados, e sabendo intervir em toda discussão, em toda acção que obrigue todos que cooperam num esfôrço colectivo.

Desta maneira. todos que, por certas funções, até agora só tem sido por demais „mentores“, virão de nôvo a sêr o que devem sêr, indivíduos preenchendo na acção geral uma função determinada, e cujos êrros nenhuma influência podem ter sêbre tôdo movimento.

J. Grave.

Temps Nouvcaux, 25-8-06.

Enrico Malatesta

A' propósito de referencias que há dias fez um jornal desta capital a esse escritor revolucionário, transcrevemos aqui uma pagina do seu folheto *Entre camponêses*, que, se não é das melhores que o seu reconhecido talento tem produzido, contém, entretanto, ideias de tolerancia e humanidade que jamais afluiram a cerebros dos pigmeus que feròzmente o acusam, sem nunca terem lido, sequer, uma linha, do muito que Malatesta tem escrito em defesa do ideal elevado que o anima:

....

« *Jorge* — Se quizermos raciocinar, José deixemos em paz Deus e os santos, porque o nome de Deus serve de pretexto e de comodidade a todos os que enganam e oprimem o seu semelhante. Os reis apregoam que Deus lhes outorgou o direito de reinar, e quando se disputam um país, pretendem ser enviados de Deus, que dá sempre razão ao que tem melhores armas e mais soldados...

O proprietario, o explorador, todos fallam de Deus, e seus representantes se dizem o padre católico, o protestante, o judeu e o turco: em nome de Deus se fazem guerras e cada qual trata de levar a água a seu moinho. Ninguem se lembra de prestar ouvido ao pobre; parece que Deus foi um mãos-rotas para os de cima. A nós, aos trabalhadores, condenou ao trabalho e á miseria. Para elles, o paraiso neste mundo e no outro; para nós, o inferno na terra e o paraiso no outro mundo, se nos conformarmos com ser oprimidos e escravos neste... e se houver logar.

Em questões de consciencia não quero entrar; cada um tem a liberdade de pensar como julgue conveniente.

Pela minha parte não creio em Deus nem nas historias que os padres contam, porque aqueles que as contam têm interesse em manter-nos na ignorancia,, que lhes dá pingues beneficios; além disso ha muitas religiões cujos ministros pretendem dizer a verdade, mas o certo é que nenhum dá provas do que afirma. Eu podia tambem inventar um montão de patranhas, dizendo que aquele que não me acreditar será condemnado ao fogo eterno.

Tratar-me-ão de impostor; mas se eu tomasse ao meu cuidado uma criança e continuamente lhe ensinasse a mesma coisa sem que ninguem podesse contradizer-me ela, quando fosse maior acreditaria em mim, como vocês no pároco e nas suas *verdades*. Em suma, o sr. é livre de acreditar no que melhor lhe pareça, mas não venha dizer-me que Deus quer que trabalhe e que passe fome; que os seus filhos

vivam esqueléticos e enfermos por falta de pão e cuidados; e que suas filhas estejam expostas a serem amantes de seu orgulhoso patrão. Dir-lhe-ei então que o seu Deus é um assassino.

Se Deus existe, a sua vontade nunca o comunicou a alguem. Pensemos, pois, em procurar neste mundo o nosso bem e o de nossos semelhantes; no outro, se existisse Deus e fosse justo, decerto nos encontraríamos melhor tendo combatido pelo bem, do que se tivessemos feito sofrer ou pelo menos consentido que se oprimam os homens, que segundo diz o abade, " todos são irmãos e filhos do mesmo Deus ". Acredite-me, se hoje o sr. é pobre, Deus condena-o ao trabalho e ao sorifmento; se ámanhã, por qualquer meio, consegue alcançar uma fortuna, ainda que seja pelo processo mais criminoso, adquire o direito de não trabalhar, de passear de carro, de maltratar quem o serve e corromper moças solteiras... e Deus permite-lho como hoje o permite ao seu patrão."

....

AS 8 HORAS

O brado de oito horas de trabalho repercutiu em todos os recantos desta capital, despertando as energias do pária, que ha tanto vivia na inercia, entre as paredes enegrecidas das oficinas, ou antes, dos novos ergastulos, sem perceber que, ha muito, era já tempo para romper as algemas, e, dissipando o denso véu da ignorancia, descortinar um novo horisonte na vido.

Este brado reaccendeu o entusiasmo e fez assumir uma atitude mais digna de seres humanos, aos que, para terem direito a vida e a um relativo bem estar, labutam duramente, nove a dezoito horas por dia, as mais das vezes, numa atmosfera deletéria, onde o oxigenio está substituido por bacterias — veículos de todas as molestias e, ao fim da semana, o ordenado nem sequer chêga, para encobrir as mais rudimentares necessidades da vida.

Um indivíduo que trabalha numa oficina onde não se observam os mais rudimentares preceitos de higiene, em um trabalho extenuante, sem alimentar-se devidamente, aspirando um viver mais nobre, procure ele emancipar-se, e para isso se dedique ao estudo afim de se instruir, não o conseguirá, sem que, em curto lapso de tempo, se torne um desses nevropatas que Lombroso não hesitaria em qualificar „DELINQUENTE NATO", ou um desses decadentes que a patologia, ha muito, tem no seu index.

Já em 1832, *Emilio de Girardin*, anunciava que 8 horas de trabalho seriam o suficiente para fazer face ás necessidades:

„A aliança da industria e da agricultura, dizia, póde e deve, resolver esse problema de civilização apresentado aos governos pelos povos, a saber que qualquer homem, inteligente, moralizado e laborioso, com oito horas de trabalho racional por dia, poderia substanciosamente nutrir, sadiamente alojar e convenientemente vestir sua familia, assegurando-lhe o futuro e o presente."

Esta verdade só foi reconhecida cincoenta e tres annos depois dessa data, e foi então, que o proletariado de norte-americano, reconhecendo a inutilidade da vida politica para alcançar a realização dos seus desejos, descia, resoluto, para o campo economico, e, com o *boicott* e o *sabotage* se impunha aos patrões.

Nos Estados Unidos, em 1885, já se havia praticado duzentas e cincoenta *boicott* e, nos centros principaes, a luta entre capitalismo e trabalho havia assumido aquele caracter de acrimonia que, quasi sempre, é seguido de represalias antisociaes.

Enquanto 380.000 trabalhadores, COM A FORÇA DO DIREITO, afirmavam e difundiam pelo jornal e pela tribuna o seu protesto, a burguesia, com o DIREITO DA FORÇA, ameaçava e procurava por todos os meios, um motivo qualquer que justificasse as suas repressões barbaras e selvagens.

Parte dos *grevistas*, 157.000 trabalhadores, já haviam conseguido o seu *desideratum* — as 8 horas de trabalho.

A burguesia, em face a atitude galharda e resoluta dos trabalhadores, não tinha em que se apegar para destruir o que estes haviam alcançado, porém, a burguesia ávida de crimes, não podia deixar de forjar um motivo qualquer, para atropelar os *grevistas* pacificos e indefesos do *Milwaukee*. Nesse morticinio cairam muitas mulheres e inocentes crianças, revestindo-se do mais selvagem barbarismo aquela scena que servia de preludio a muitos martires.

Esta mancha ficará indelevel na historia da Republica Norte-Americana.

Em Chicago, que marchava na vanguarda do movimento social, deram-se os mais tragicos incidentes da potente agitação.

No dia 3 de Maio de 1886, 10.000 *grevistas* se haviam reunido deante da fabrica para impedir o trabalho a varios, que, com sua estupida traição, tornavam incerta a vitoria, porem não tardou que os esbirros da burguesia descarregassem seus revólveres, a queima-roupa, sobre os operarios. Por sua vez a tropa espingardeava os *grevistas*, e, enquanto isto se dava, na familia operaria descia a desolação e o luto...

A burguesia quebrava taças de champanha e, por entre brindes, cantava hosana!...

Não era possivel permanecer calado ante tamanhos crimes!

Oito companheiros que ousaram protestar pelo jornal, pela acção e da tribuna, a 11 de Novembro de 1887, subiam, impassiveis, os degraus do patibulo, e com o proprio sangue regavam o germe que haviam implantado na humanidade, e cujos fructos ainda hoje colhemos...

Não tardou que o movimento se estendesse em toda Europa; até na mesma Russia, cheia de crimes e infamias, onde impera a força, a Cidadela e o *Knut*, só se trabalha oito horas e gosam-se muitos melhoramentos que aqui não existem, relativamente ao trabalho.

Porque então, no Brasil, isto é, em Porto Alegre, onde se apregôa aos quatro ventos a LIBERDADE, FRATERNIDADE e IGUALDADE, inda se não conseguirão as 8 horas de trabalho?

E' preciso um pouco de luta... Lutemos, pois!

Movimento Operario

Os marmoristas

Foi errônea a notícia dada pelo *Deutsche Zeitung* de 26 de sètembro sôbre os marmoreiros *grévistas* da oficina do sr. Alois Friederichs, que no dia antecendente havíam embarcado para o Rio de Janeiro.

Tendo o sr. Paulo Faccini chegado ao Rio, escreveu a seu irmão Henrique, dizendo o quanto se admirou de ver a Capital tão transformada, comparando-a ás mais cultas cidades da Europa.

Disse haver tanto serviço que os trabalhadôres não davam vencimento, havendo atè uma extraôrdinária falta de operários.

Como os marmoristas estavam para se pôr em *grève* e afim de melhor garantí-los, quando necessitados, o sr. Henrique respondeu-lhe a carta, narrando o que se passava aqui e pedindo ao mesmo tempo que lhes arranjasse um emprego se isso possivel fôsse, para o que désse e viésse.

Como sabem, a *grève* efeituou-se; e dias depois recebeu o sr. Henrique, em resposta a sua carta, o seguinte telegrama que se acha em nosso podêr como todos os outros para quem quiser vêr:

"Faccini Enrico Voluntários Patria 213 Porto Alegre. Procurate denaro rimborso partite cassa mortizazion e avenida central Rio Janeiro — Faccini Paolo".

Mas não havendo dinheiro para mandal-os, o sr. Henrique expediuin continente um telegrama neste teôr.

" Faccini Paolo — Rio.

Precisamos ordem passagens — Faccini Enrico."

O que foi logo respondido com o seguinte:

" Faccini Enrico — Vai ordem passágens, venha urgência — Paolo".

E para lá se fôram!

Ve-se, pois, qne aquêle jornal faltou com a verdade, porquo não foram, nem procurar emprêgos, nem tão pouco lutar pelas 8 horas de trabalho, visto o operariado já ter há muito no Rio conquistado o que nós agora tão justamente procuramos obter.

Quanto ao sr. Alois Friederichs publicâmos o aviso que entregou ao Sindicato:

"Aviso! Declaro que reservo a cada empregado o seu logar até amanhan, terça-feira 7 do setembro até ás 5 horas da tarde.

Quem não pretende ficar com a colocação venha buscar a ferramenta que lhe pertence, *um por um*..

O novo horário da minha oficina é o seguinte:

6 meses, isto é: outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e março, das 7 horas da manhã até meio dia; das 2 da tarde até ás 6 horas.

6 meses: abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, das 7 horas da manhã até meio dia; de 1 da tarde até ás 5 horas.

Perfaz portanto o ano 9 horas por dia, tendo começado com este horario. Porto Alegre, 3 de setembro 1806 — J. Alois Friederichs".

Declarâmos também, que os poucos marmoristas que aqui ficaram não submetêram-se nenhum, e sim, entraram num acordo, o que é muito diferente.

Hoje, segundo o acordo supra mencionado, *(claro como agua, mâs como é só assim que se ganha o céu...)* trabalham apenas as 8 horas por dia, mas ganhando por hora, e a razão de 10 horas, o que (aqui para nós) não passa de uma descarada exploração.

Apenas os polidores gánham mais 10 % em seus salários, sendo todo o material preciso fornecido pela casa.

Ah! tem ainda uma cláusula! o de fazer vigorar a GARANTIA que àcima ficou dito durante 6 MEZES!!! Que pechincha! estão com o futuro feito!

Está portanto clarissímamente provado (*salvo disposições em contrário*) que os marmoristas não foram vencidos, nem despedidos, nem a procura de trabalho, nem lutar pelas 8 horas, nem tão poucos submeteram-se, tanto os que foram como os que ficaram, o que quer que seja e sim procederam mais do que heroicamente, porque eles têm as suas reïvindicações de homens libertários àcima de todo e qualquer interesse pessoal.

Em Porto Alegre foi este o primeiro passo dado em prol da futura emancipação dos homens.

E havemos de lá chegar; porque a igualdade dos homens em liberdade de acção é o mais sublime ideal que o cérebro humano tem concebido.

A servidão do trabalho só desenobrece o carácter, envilece os sentimentos, coage o individuo, desviriliza-lhe o ánimo e fere incontestavelmente os direitos de igualdade!

Com efeito, a igualdade é um direito imanente, natural, sagrado, inauferivel e, por tanto, não admite odiosas distinções de classe, nem vexatorios privilegios, nem iniquas concessões.

Os metalúrgicos

Como se sabe os metalúrgicos estão em *grève*.

Conforme os boletins destribuidos pelos operários das casas Bins e Só, efeituou-se a reunião á rua Voluntários da Patria n. 213, tendo estado muito concorrida.

Depois de terem tomado a palavra diversos oradores, foi deliberado a fundação de um sindicato.

Felicitamo-los por isso.

Os gráficos

Convidado por boletim compareceu grande número de operários gráficos ao salão V. E. para tratar de assuntos que interessam a classe em geral.

Explicados os motivos da reünião, que eram procurar um modo de regularizar o horário de trabalho, tanto nas oficinas onde são pagos por obra como naquelas em que se trabalha por dia. Assumindo a presidencia o colega Anarolino Faria, em seguida fizeram uso da palavra diversos operários, apresentando ídeias que julgavam darem solução ao caso.

Sentiu-se a quase impossibilidade de se tornar toda a classe solidária, caso algumas oficinas onde o trabalho é pago por dia viessem a fazêr uma reclamação no sentido de se diminuir o horário, e isso não só por causa de terem, de há muito, algumas casas posto em vigor as oito horas, como ainda por causa das divisões do modo de pagamento, por obra e pôr dia, e ainda, muito principalmente, por não haver entre os gráficos uma nítida comprensão do que seja solidariedade operária.

Os operários Rey Gil e Polidoro Santos apresentaram a ideia de se crear uma organização operária que tratasse únicamente dos interesses económicos da classe, procurando reünír todos os gráficos de Porto Alegre, sob o laço fecundo da solidariedade. Essa associação que será baseada no sistêma sindicalista, terá por fim tratar da redução do horário, aumento de salário e conseguir todas as melhorias das condições de trabalho que se julgam os operários com direito de obter.

Feita a proposta da fundação do Sindicato dos Gráficos foi posta a mesma em votação e aprovada por maioria dos presentes, ficando constituida a associação.

Foram escolhidos, para secretário, o operário Manoel Campos e para tesoureiro o operário Polidoro Santos.

Por nossa parte aplaudimos a resolução dos gráficos de se organizarem em sindicato, não só por julgarmos, como temos feito vêr, esta a melhor fórma de associação operária, como por ter sido resolvido sua adopção no último Congresso Operário do Rio de Janeiro, ficando portanto, os gráficos dêsde já habilitados a se filiarem á Confederação Operária Brasileira.

Os padeiros

Foi distribuido o seguinte convite:

" Padeiros!! Tambem nós temos direitos sagrados a reclamar! Ficam, pois, todos os padeiros convidados para o *meeting* que terá logar amanhã, 7 do corrente, ás 10 horas do dia, na praça Navegantes.

Serão oradores os nossos companheiros Xavier da Costa e Carlos Araujo (Cavaco). A commissão."

Ficou transferido esse *meeting*, segundo se disse, por ter sido proïbido pela policia.

÷

Segunda-feira fizeram distribuir o seguinte:

" Padeiros!! Não devemos perder este momento para a conquista de um direito sagrado: o descanço aos domingos. Proclamemos a *grève* dos padeiros, até obtermos o que desejamos.

Viva a classe operaria! — Viva os padeiros! — A commissão.

Reünião das 9 horas do dia em diante, na rua Ramiro Barcellos, 128".

Os ferreiros

Os operarios da ferraria e serralharia de João Raminelli declararam-se em *grève* no dia 8 do corrente.

Tambem fizeram parede os trabalhadores de uma ferraria da rua do Rosario.

Os alfaiates

Os alfaiates não compareceram á reunião para a qual foram convidados pela imprensa, porque, no logar em que devia realizar-se a sessão, só se tratava de *grèves*... (segundo êles)... Se tratassem de uma sociedade benificente... vá lá... êles como bons amigos da ordem não podem nem devem rebelar se contra os *humanitarios patrões*, que os exploram durante doze horas por dia, por um mesquinho ordenado.

A unica cousa que podiam fazer era fundar uma sociedade para diversões, ou beneficente...

De resistencia?...

Só para os malucos.

Os estivadores

Segunda-feira, fizeram distribuir boletins, declarando-se em *grève* os estivadores desta capital.

Os canteiros

Os trabalhadores em pedreiras já conseguiram dos patrões a redução das horas de trabalho a 8.

Uma comissão da "União dos Trabalhadôres em Pedreiras" veiu á nossa redação comunicar a agradavel nova.

Os patrões

Sábado último realizou-se a 2ª reünião dos proprietários e empreiteiros para discutirem a atitude a tomar deante da *grève*.

Depois de discussões sôbre o assunto e em que todos alegaram ser pobres, foi combinado, o seguinte horário: Janeiro, Fevereiro, Novembro e Dezembro, 10 horas; Março, Abril, Setembro e Outubro, 9 horas; e Maio, Junho, Julho e Agôsto, 8 horas.

Em seguida assinaram um compromisso para a execução fiel desse horário.

PELAS CLASSES

Os graphicos

Duas cousas, pois, temos assentes: que os graphicos não estão satisfeitos con os horarios actuaes e que, consequentemente, é preciso e deve-se trabalhar para reduzil-os a 8 horas.

Dir-nos-ão muitos que sim; mas que, quanto a segunda parte, por mais que se trabalhe, será impossivel conseguir; logo, todo trabalho inutil, tanto mais que o trabalho nas folhas diarias é feito por obra e que quanto mais horas o operario trabalha mais ganha. Esse é o argumento predilecto daquelles que preferem o cancro que vae corroendo, destruindo, pouco a pouco, ao benefico ferro em brasa que cauteriza e vivifica os tecidos infeccionados pelo virus da preguiça intellectual.

Neste caso o ferro em brasa é a acção, a actividade, o exercicio de um direito que em nome de nem um principio moral se pode contestar.

A nosso ver, o ponto de partida para uma acção proveitosa á classe em geral, deve ser a organisação, a regulamentação, a methodização do trabalho nas folhas diarias.

Dirão alguns que não querem se dar ao trabalho de pensar, de raciocinar, e com elles os patrões, que não ha maior liberdade que não ter horario, que entrar e sahir a qualquer hora e que do momento que quanto mais o operario traba lha mais ganha tanto mais lhe convem permanecer na officina o maior tempo possivel.

Eu responderei com um dilema: ou isso é ignorancia ou sophisma. Ignorancia si quem enuncia essa idéa não comprehende: 1.º que o operario, pelo facto de permanecer 14 ou 16 horas na officina não faz com que o dono dê mais materia do que a que cabe no jornal; e 2.º que a importancia que elle ganha em 14 ou 16 horas póde ganhar em 8 e quem quizer contestar que me diga si em duas horas de TRABALHO um compositor não distribue o que faz em seis e si nessas seis restantes elle não póde, folgadamente, compondo á razão de 40 linhas de corpo oito por hora (não faltando original, o que depende da redacção), fazer 240 linhas, que importam em cinco mil e tantos réis, exactamente a média que tiram os compositores? E' sophisma si parte de individuo que, comprehendendo essas cousas, pretende inculcar que o operario tenha liberdade de entrar e sahir a hora que quizer. Vejamos: é facto que póde entrar 1/2, 1 e mesmo 2 ou mais horas depois da estabelecida; mas é facto que possa sahir quando quer? não! mentira!

E sinão ahi está a prova: muitas vezes, depois de um dia em que se compoz jornal e meio, cujo excesso fica para o outro numero da folha e em que, consequentemente, o operario está exhausto vem, lá pelas dez ou onze horas da noite, o paginador e diz: não sahe ninguem; o *seu* Fulano foi ao theatro e vem fazer a critica de peça. E lá ficam todos, parados, esperando que o *seu* Fulano, acabado o espectaculo, vá ao café e, depois de tomar o seu copo de leite ou um calice de alcool e de palestrar com um conhecido, venha á redacção e diga: *dóe-me a cabeça;* vou escrever qua tro linhas e amanhã faço a critica. E componha, cada um dos oito typographos que lá ficaram, a metade de uma linha para ganhar **dez réis** e vá para casa muito satisfeito, deite-se com fome, durma tres ou quatro horas e, para chegar na officina ás 8 horas da manhã, levante-se com somno, vá para o jornal, faça caldo todo o dia, porque a folha está feita da vespera, e quando é lá 1 ou 2 da madrugada, apparece o critiquista theatral com a sua opinião sobre os dois espectaculos exharada em 14 ou 15 tiras, pois durante o dia não fizera a critica do da vespera por que esperava ver o que diziam os jornaes da tarde, e quando estes sahiram encontrou um amigo que o entreteve até a hora de ir ao S. Pedro, de fórma que só poude escrever depois de terminada a funcção e, como estava apressado, na prova foi preciso alterar tudo. E quando não é critica é telegramma, e quando não é telegramma é fogo, e quando não é fogo é assassinato, e... não é sophisma dizer que o operario sahe á hora que quer?

Logo o trabalho por obra não presta, -- supprima se o trabalho por obra substituindo o pelo de tarefa e estabeleça se — 8 horas de labor diurno!

Por hypothese: Uma tarefa são 240 linhas corpo oito ou 270 de dez — o preço 6$000. Pega-se a distribuição ás 3 da tarde, larga-se ás 5, prompta; começa-se a compor ás 8 da noite e termina se ás 2 da madrugada. Quem não terminar a tarefa dentro do horario fal-o-á no dia seguinte, e quando alguem estiver parado por falta de original, será por conta do patrão; o excedente da tarefa será pago á razão de mil réis por 40 linhas e quando exceder o horario á razão de 1$ por hora ou fracção de hora.

A consecussão deste fim será facilmente obtida si todos os compositores de jornaes (melhor será si todos os graphicos) puzerem-se de **accordo** e agirem com muita CALMA e com muito CRITERIO, pois é notorio que na classe ha muitos membros supinamente ignorantes que se deixam levar por meia duzia de palavras, ao ponto de combaterem os seus proprios interesses.

Oliveira Diamico.

Factos e Comentários

Uma explicação

Diversas folhas desta capital, informadas por pessoas interessadas em desvirtuar a verdade quando procuram vêr-se livre da critica de quem não pactúa com seus planos, noticiaram haverem sido expulsos de uma associação operaria diversos «anarquistas», que abusivamente haviam intervido numa sessão.

Tendo sido convocada uma reunião dos presidentes das associações operarias desta capital, dirigiram-se para o salão á rua Ramiro Barcelos, diversos representantes das referidas associações e, como não fosse proibida a entrada a qualquer operario naquela casa, fizeram-se acompanhar de alguns camaradas que se interessam pelo movimento operario.

Ao chegarem ao salão, dava-se começo á sessão dos pedreiros e como lhes não fosse feita observação alguma, permaneceram todos, assistindo á mesma, bem como grande numero de operarios extranhos áquela associação.

Tomando a palavra, um orador, em fastidioso discurso começou a fazer a apologia do parlamentarismo e, em certo ponto, atacou grosseiramente os «anarquistas». Ouviram-se então alguns apartes de protesto, estabelecendo-se pequena confusão no meio da qual ouviram-se gritos ameaçadores contra os «anarquistas» e o sr. José Macchi, convocador da sessão dos presidentes e dono da casa, disse que ali não havia lugar para «anarquistas». Em vista dessa atitude inepta tomada pelos promotores da reunião dos presidentes, alguns deles, que se julgaram melindrados, resolveram retirar-se daquele salão, o mesmo fazendo grande numero de operarios.

Todos os operarios, que se achavam na séde das associações, e que quiserem falar verdade só poderão dizer o que aí fica.

Os que representavam associações e se retiraram foram os seguintes: Guilherme Kok, da *Arbeiter Verein*; Antonio Nalepinski, do *G. 1º de Maio*; Henrique Faccini, dos *Marmoristas*; Polydoro Santos, do *G. Artes Gráficas*; Rodolfo Flugrath e José Rey Gil, da *U. O. Internacional*; José Rognone, da *U. dos Chapeleiros*; José Martins dos Santos, da *U. dos E. em Padaria*.

Mais tarde subemos que, depois de sairmos, continuando a sessão dos pedreiros, com um resumido numero de socios, depois de um tremendo discurso contra nós e o nosso periodico a *Luta*, foi votada a «proibição da entrada ali aos «anarquistas».

Um facto...

Do *Petit Journal*, folha secretariada pelo propagandista operário Carlos de Araujo (*Cavaco*) transcrevemos a seguinte noticia, que tem a data de 15 de setembro:

«*A Luta*. Surgiu este jornal que se propõe defender, em Porto Alegre, a classe dos trabalhadores.

Traz um programa bem elaborado, é feito a capricho e promete, pela causa que defende, ter uma vida longa—que é o nosso sincero desejo.

Ao novo batalhador de tão nobre causa, as nossas felicitações.»

E esta outra, da mesma folha, com data de 2 de outubro:

„Surgirá, dentro em breve, um jornal orgam da classe operaria. Este jornal vem preencher uma grande falha, pois não existe orgam da classe em Porto Alegre."

... Sem comentario...

Ofício rendoso!

De uma folha que gosa das simpatias do comércio:

„Sabemos de uma oficina em que trabalham operarios durante 9 horas diarias vencendo o salario de 400 mil réis mensaes, ou seja a média de 14$, exceptuados os domingos.

Um caixeiro que trabalha das 6 da manhan ás 9 da noite, 15 horas diarias, inverno e verão, ganha 120$, quando os ganha."

E' que esses felizardos lêram e naturalmente digeriram a *Arte de fazer fortuna*, o precioso livrinho. Não conhecem?

Patriotismo...

A firma Otero, Gomes & C., segundo um diario, declarou que não acedia de modo algum ás reclamações dos seus operarios e que fecharia a fabrica até que chegassem operarios que mandaria buscar nos Estados-Unidos ou na Europa.

Como se nos grandes centros houvesse grande numero de operarios só a espéra dum pedido procedente de Porto Alegre, para imediatamente para cá se embarcarem!

E como sabem os patrões pôr de lado o patriotismo quando se trata de seus interesses!...

A solidariedade vence todas as forças que se lhe opõem. — *P. S.*

Rebemos:

Il Tempo, *Noticia*, desta capital; um oficio da *União Operária* do Rio Grande, convidando-nos para uma sessão comemorativa da data do contráto da abertura da Barra.

Gratos.

Bases do Sindicalismo

Seus pródromos. Lutas operárias

A demonstração desta luta permanente da classe operária contra o Estado, faria evocar o martirológio do pôvo. Bastarão, para indicar a veracidade e a constância dêste antagonismo, algumas balisas históricas:

Menos de dois anos depois da tomada da Bastilha (junho de 1791), a burguesia, por meio da sua Assembleia Constituinte, despojava a classe operária do direito de associação que esta acabava de conquistar revolucionàriamente (lei *Chapelier*, votada a 17 de junho de 1791).

Os trabalhadôres só tinham visto na revolução a aurora da libertação económica. Tinham pensado que queimando as barreiras do impôsto (12 de julho de 1789), destruíam tôdas as barreiras. E bom acrescentar que, dois dias depois do incêndio das barreiras de Paris, a Bastilha foi tomada de assalto, não por ser prisão política, mas por ser um perigo para Paris insurgido, como em 1871, o foi o Monte-Valeriano.

Os operários, tomando á lêtra os ditirambos dos panfletários, julgavam-se livres dos estorvos do antigo regime. Começaram, pois, a agrupar-se para resistir á exploração patronal e depressa formularam reïvindicações precisas. A burguesia provou-lhes logo que a Revolução era ùnicamente *política* e não *económica*. Elaborou leis repressivas e, como os trabalhadôres careciam de consciência e experiência, como a sua agitação era confusa e ainda incoerente, não foi difícil travar êsse movimento.

Não se suponha que a lei *Chapelier* foi um «expediente» e que os que a votaram ignoravam o seu alcance social. Para nos fazêrem engulir esta interpretação fantasista, objectam que os revolucionários da época não protestaram contra essa lei. O seu silêncio demonstra simplesmente que ignoravam o lado social da Revolução em que viviam, e não passavam de puros *democratas*.

Não admira tanta falta de perspicácia, porque hôje mêsmo vemos pretendidos socialistas que tambem não são mais que simples *democratas*.

Demais, a provar que os parlamentares de 1791 sabiam o que faziam, está o facto de, mêses depois, em setembro, a Constituinte completar a lei *Chapelier*, que só proïbia a associação aos operários industriaes, com uma lei que a proïbia aos trabalhadôres agrícolas.

A Constituinte não foi afinal a única a manifestar o seu ódio pela classe operária. Tôdas as assembleias posteriôres se esforçaram por apertar os laços que prendiam o operário ao patrão. Mais, achando pouco terem posto o trabalhadôr na impossibilidade de discutir e defendêr os seus interesses, as assembleias burguêsas fizeram tudo para agravar a má situação dos proletários, pondo-os sôb a completa dependência do podêr policial.

A própria convenção não mostrou mais simpatias pela classe trabalhadôra. Em *nivôso* do ano II legislava «contra as coalisões entre operários das diferentes manufaturas, por escritos ou por emissários, para provocar a cessação do trabalho...» Esta atitude da Convenção, cujo revolucionarismo é tão gabado, indica-nos claramente que as opiniões políticas nada têm que vêr com os interesses económicos. O que o torna mais preciso ainda é que, apesar da mudança das fórmas governamentaes — indo do democratismo da Convenção ao autocratismo de Napoleão I, ao monarquismo de Carlos X, ao constitucionalismo de Luís Felipe, — nunca se atenuou a severidade das leis editadas contra os trabalhadôres.

Durante o Consulado (ano XI — 1803) foi forjada uma nova cadeia de escravidão: o *livrête*, que instituiu a *matrícula* da classe obreira. Depois, com a sua sciência de rábulas manhosos e canalhas, os jurisconsultos que elaboraram o código de que ainda sofremos, arranjaram tantos e tão bons laços para ligar e amordaçar o proletariado, que Luís XVIII e Carlos X, herdeiros dessa bagagem, pouco tiveram que acrescentar.

Entretanto, a despeito das severas interdições legaes, os trabalhadôres entendiam-se, agrupavam-se e, sôb fórmas anódinas, — como mutualidades, — constituiam sindicatos embrionários que organizavam a resistência. De tal modo que, multiplicando-se as coalisões e as *grèves*, o govêrno *liberal* de Luís Felipe exagerou as penalidades da lei contra as Associações (1834). Mas o impulso estava dado. Êste agravamento de severidade legal não detêve o ímpeto operário. Apesar da lei, as *sociedades de resistência* multiplicaram-se, sobrevindo um período de crescentes agitações e de *grèves* numerosas.

A revolução de 1848 foi a resultante dêsse movimento. E o que mostra bem o predomínio do alcance económico das jornadas de fevereiro, é que as questões económicas vieram á frente. Infelizmente, os agrupamentos corporativos eram inexperientes, e os operários, das cidades ignoravam os camponêses, — e vice-versa! De modo que em 48 os camponêses não se mexêram, não comprendendo o movimento operário, assim como em 1852 os operários não comprendêram a tentativa de revolta camponêsa que Napoleão III esmagou. Não obstante essas causas de malôgro, — e não foram as únicas! — tôdos os melhoramentos então adquiridos devêram-se á fôrça operária: foram as vontades operárias que a Comissão do Luxemburgo exprimiu e que o govêrno provisório têve de registar na lei.

Nas primeiras horas da revolução, a burguesia amedrontada mostrou-se conciliadôra e — para salvar o capital — disposta a sacrificar algumas migalhas de privilégios. Tranqüilizada em breve, tanto pela inoculação no pôvo do *virus* político, sob o específico do sufrágio universal, como pela inconsistência das organizações corporativas, mostrou-se tão feroz como grande fôra o seu terrôr. Os morticínios de junho de 48 fôram, para ela, primeira satisfação. Pouco depois, em 1849, os representantes do pôvo, — para acentuar bém que eram simplesmente representantes da burguesia, — legislavam contra as coalisões, que eram proïbidas e punidas com as penas estipuladas pela lei de 1810.

Mas assim como o reaccionarismo de Luís Felipe não travára o movimento operário, assim também não puderam travá-lo a reacção republicana e o govêrno napoleónico que lhe sucedeu. Sem se preocuparem muito com a fórma de govêrno, bém como com a proïbição de se unirem, os agrupamentos corporativos iam desenvolvendo-se, em número e em fôrça, a ponto de arrancarem, pela sua pressão sôbre os podêres públicos, a sanção legal para os melhôramentos e liberdades conquistadas, graças a seu vigôr revolucionário.

Foi assim quê, por meio do que chamamos hoje a «acção directa», o direito de coligação foi, em 1864, arrancado ao Cesarismo.

Os trabalhadôres de tôdas as corporações tinham chegado a agrupar-se, a coligar-se, a fazêr *grève*, sem fazêr caso algum da lei. Entre tôdos, distinguiam-se os tipógrafos pelo seu temperamento revolucionário e uma das suas *grèves* foi (em 1862, em Paris) o incidente decisivo que trouxe o reconhecimento do direito de coligação. O govêrno — cego, como todos os govêrnos — imaginou matar a agitação dando um grande golpe: realizaram-se prisões em massa, toda a comissão de *grève* e também os mais activos entre os *paredistas*. Este excesso na arbitrariedade, longe de aterrar, sobrexcitou a opinião pública; resultou dêle tal corrente de indignação que o govêrno têve de capitular e de reconhecêr aos trabalhadôres o direito de coligação. Este resultado foi ùnicamente devido á *pressão exteriôr*. Seria difícil querêr atribuir o mérito dêle a deputados socialistas... pela excelente razão que o parlamento os não continha.

Tal conquista estimulou a organização sindical que se tornou tão rapidamente irresistível que o Estado não têve remédio senão reconhecêr de facto em 1868, a liberdade sindical, por uma circular imperial que dizia: «Para a organização das Câmaras de operários em sindicatos, a Administração deve deixar aos próprios interessados inteira liberdade de apreciação...»

Entretanto, desenvolvia-se a «Associação Internacional dos Trabalhadôres» quê, definitivamente constituida em 1863, após várias tentativas infrutíferas, irradiava sôbre a Europa occidental e abria novos horizontes á classe trabalhadôra. Horizonte que a grande crise de 1871 ia obscurecêr...

Fiquemos aqui, para nos não alongarmos demasiàdamente, e tiremos dêste resumo retrospectivo as conclusões lógicas:

Resulta das precedentes balisas históricas que ao alvorecêr do actual regime em 1791, o govêrno, — como defensôr dos privilégios burguêses, — negou tôdos os direitos económicos ao operariado de modo a fazêr dêle uma poeira de individuos, desunidos e portanto facilmente exploráveis. Depois vemos a classe obreira sair do estado caótico em que a burguesia queria mantê-la; vêmo-la agrupar-se no terreno económico, sem preoccupações políticas. Vemos também o govêrno, — de qualquer etiquêta, — tentar detêr a onda proletária; depois, não o tendo conseguido, resolvêr-se a sancionar os melhòramentos ou as liberdades adquiridas pelos trabalhadôres.

Um facto domina, pois, essas agitações, esses embates sociaes: explorados e exploradôres, governados e governantes têm interesses mais do que distintos — opostos; há entre êles *luta de classes*, no sentido rigorôso da expressão.

Depois, resalta inda, da rápida exposição feita, a explicação do movimento *sindicalista* ou associativo, isento de tôdo contágio parlamentar, e a justificação do agrupamento dos trabalhadôres sôbre o sólido terreno económico, base de tôdo progresso real.

Emílio Peuget.

A LUTA

Preterimos por falta de espaço: *Sindicalismo, Esperanto; colaboração*, referente á Fábrica Progresso Industrial, um artigo de nosso colaborador *João Tramway* e algumas listas que nos vieram á ùltima hora.

Subscrição voluntaria

Na soma da lista da redacção publicada em nosso último número houve um engano facilmente verificável: em vez de 87$180 como saiu é 77$180; havendo, portante, um saldo de 2$260 e não 12$260, como foi publicado.

Lista da redacção: — Saldo do numero anterior 2$260; Paulino Diamico 1$; José Forti 500; Arquimedes Fortini 1$; Carreta 1$120; Cecilio 500; arrecadado nas sessões realizadas na séde das associações á rua Ramiro Barcélos 5$700; um anarquista 600; H. G. Ferreira 500; C. Camaroti 5$000. — Total — 18$180.

Lista do *G. H. Livres*: — 43$000.

Lista de João Viegas: — João L. Carvalho 1$; G. F. R. 1$; Antonio Costa 1$; Antonio Soares Filho 500; Valentim Hosmaiser 500; Artur C. de Oliveira 500; Joaquim C. de Oliveira 500; Carlos Demange 1$; Pedro Carlos 600; Antonio Moletz 500; Higídio Sonsini 3$; J. V. 100. — Total — 10$200.

Lista de José Fraugot: — J. Fraugot 500; Francesco Guariento 500; José Joogapara 200. — Total 1$200.

Lista de Domingos Filipetto: — João Cruz 300; Batista Cassen 500; Luis Gonçalvez de Amorim 5 0; Franklin Cassen 200; Antonio Marques 500; Aloys Guibeler 200; Rafaél Láges 200; Domingos Filipetto 200. — Total — 2$600.

Lista de Francisco Raya: — T. Enrique 100; A. Garst 100; Luiz Stich 400; André Ibañez 300; P. José Miguel Lorente 1$. — 2$800.

Entradas:

Lista da redacção.......	18»180	
Diversas listas.........	59$800	
Venda avulsa............	1$880	79$860

Despesas:

Impressão do 3º numero.	50$000	
Impressão de listas.....	6$000	
Carreto.................	$500	56$500
Saldo....................		23$360